

RUBEM BRAGA

Árvores, Ruas, Anistia

POETA de valor, morador na Rua Carlos Góis, 55, bairro do Leblon, nesta cidade do Rio de Janeiro, pede socorro urgente às dignas autoridades estaduais para preservar a vida e a saúde da maior e mais bela amendoeira do dito logradouro, que (a dita amendoeira de praia, a que os paulistas chamam chapéu-de-sol) está gravemente afetada pelo cimento pôsto em volta de suas raízes.

Prosador sem valor, mas também pagador de impostos, residente na Rua Barão da Torre, 42, pede a atenção das autoridades do Trânsito para o fato de que a instituição da mão única no sentido praia-lagoa na Rua Montenegro obriga os moradores de sua quadra a dirigir até a Rua Joana Angélica, na Praça Nossa Senhora da Paz, pois as Ruas Teixeira de Melo e Farne de Amoêdo também só dão mão no mesmo sentido. Assim, quem quiser ir do referido ponto ao Castelinho ou ao Posto 6, é obrigado a percorrer quilômetros quando seria mais potável inverter a mão de Farne de Amoêdo, que, por sinal, uma senhora francesa, amiga do referido prosa-

dor, considerava um dos nomes de rua mais bonitos do Rio — quel joli nom! — e pronunciava Farne de Amoêdo; e tendo perguntado o que queria dizer aquilo, ouviu do supradito prosador que queria dizer jardin de la paresse.

Acredita, aliás, o cidadão em pauta que não haveria inconveniente algum em haver mão dupla no trecho Pirajá-Barão da Rua dos Jangadeiros, antes, muito facilitaria a vida cotidiana dos cidadãos.

Feitas essas honestas observações municipais, para a qual reclamamos a atenção carinhosa do Governador Negrão de Lima, e de seus eficientes auxiliares arbóreos e transitais, olhemos com melancolia a situação do País, onde os ódios se acirram e o Governo que vive falando em diálogo, acha anistia uma palavra feia, talvez mesmo corrupta e subversiva. Até o Chanceler Magalhães Pinto, segundo leio nos J.J. & J. que costumam ser vorazes, está contra essa medida liminar de pacificação dos espíritos.

E por hoje fiquemos por aqui.

DN - 16.8.68